

Memórias -

①

①
A intervenção de João do Rio,
e também a minha na visita de Epitácio
Pessoa a Portugal, em 1919.
 Desejo relatar pormenorizadamente

o que foi e valeu a intervenção de Paulo Barreto - e também a minha - no caso da visita ^{oficial} do Presidente Eleito do Brasil, Dr. Epitácio Pessoa, a Lisboa, em 1919. Isto para que de futuro não me acusem de menos exacto nas afirmações já por mim feitas a tal respeito. A importância desse acontecimento ninguém a negou, nem seria fácil que a negasse. Mas parece esquecida ou diminuída agora, pelos artifices da "comunidade luso-brasileira", que se julgam ou, antes, fingem julgar ter realizado uma obra sem alicerces no passado. E, sem esses alicerces, ela não existiria. Basta lembrar que a visita de Epitácio Pessoa ^{ou provocou} ~~determinou~~ a ida do Presidente Antonio José de Almeida ao Rio de Janeiro, em 1922, ~~cujos~~ cujo

Memórias -A intervenção de João do Rio,e também a minha na visita de Epitácio Pessoa a Portugal, em 1919.

Desejo relatar pormenorizadamente o que foi e valeu a intervenção de Paulo Barreto - e também a minha - no caso da visita oficial do Presidente Eleito do Brasil, Dr. Epitácio Pessoa, a Lisboa, em 1919. Isto para que, de futuro, não me acusem de menos exacto nas afirmações já por mim feitas a tal respeito. A importância desse acontecimento ninguém a negou, nem seria fácil que a negasse. Mas parece esquecida ou diminuída agora, pelos artifices da "comunidade luso-brasileira", que se julgam ou, antes, fingem julgar ter realizado uma obra sem alicerces no passado. E, sem esses alicerces, ela não existiria. Basta lembrar que a visita de Epitácio Pessoa determinou ou provocou a ida do Presidente Antonio José de Almeida ao Rio de Janeiro, em 1922, cujo

exito incontestavel - embora restringido depois pela attitude incerta, melhor direi, pela inercia culposa dos governos dos dois paizes e pelos respectivos parlamentos na rectificação e ratificação dos diplomas então assinados pelos seus Chefes de Estado. Mas contemos os factos, e não insistamos em inúteis retaliações.

(João do Rio)

Paulo Barreto viera à Europa, em missão informativa ~~para ser publico~~ do jornal "O País", do Rio, jornal na epoca dirigido pelo português, que brasileiro se considerava e como brasileiro actuava, João Lage, irmão do jornalista Eduardo de Sousa. Trouxera-me, Paulo Barreto determinada quantia (3.500\$00, três contos e quinhentos mil reis) que "O País" me devia de colaboração atrasada. Bastante cansado pelas inquietações e desgostos soffidos durante o consulado de Sidonio Pais, (amigos perseguidos e presos, pessoas da familia e eu mesmo incomodado pelas violencias desse regime) resolvi, apoz a revolta

[p. 2]

exito incontestavel – embora restringido depois pela attitude incerta, melhor direi, pela inercia culposa dos governos dos dois paizes e pelos respectivos parlamentos na rectificação e ratificação dos diplomas então assinados pelos seus Chefes de Estado. Mas contemos os factos, e não insistamos em inúteis retaliações.

Paulo Barreto (João do Rio) viera à Europa, em missão informativa do jornal "O País", do Rio, jornal na epoca dirigido pelo português, que brasileiro se considerava e como brasileiro actuava, João Lage, irmão do jornalista Eduardo de Sousa. Trouxera-me, Paulo Barreto determinada quantia (3.500\$00, três contos e quinhentos mil reis), que "O País" me devia de colaboração atrasada. Bastante cansado pelas inquietações e desgostos soffidos durante o consulado de Sidonio Pais, (amigos perseguidos e presos, pessoas da familia e eu mesmo incomodado pelas violencias desse regime) resolvi, apoz a revolta

de Monsanto, logo jugulada, e a queda da cruel "monarquia do norte", celebre pelas brutalidades cometidas contra os republicanos da região nortenha, resolvi, repito, ir gastar esse dinheiro num pequeno repouso em Paris. Ali se encontram amigos meus do Brasil, na Delegação Brasileira à Conferência da Paz, presidida por Epitacio Pessoa: - Rodrigo Octavio, Pai, homem excelente, jurista de alto valor, e outros. Por intermedio de João do Rio, a todos conheci. Só não conheci de inicio Epitacio Pessoa. Um dia, porem, Paulo Barreto disse-me: - vou-te levar hoje a recepção que o ^{ministro} ~~ministro~~ ~~legação~~ do Brasil oferece à Missão Militar Francesa e vais aproveitar a oportunidade para insinuar a Epitacio Pessoa. que, no seu regresso à patria, visite oficialmente Portugal." Ele está pouco disposto a fazê-lo, porque receia ou supõe que receia ou supõe - acentuou João do Rio - que [sobre] a desordem lavre ali. No momento em que o "S. Paulo" (courageado), que o trazia, passou em Lisboa, rebentavam as granadas e os

[p. 3]

de Monsanto, logo jugulada, e a queda da cruel "monarquia do norte", celebre pelas brutalidades cometidas contra os republicanos da região nortenha, resolvi, repito, ir gastar esse dinheiro num pequeno repouso em Paris. Ali se encontravam amigos meus do Brasil, na Delegação Brasileira à Conferência da Paz, presidida por Epitacio Pessoa: - Rodrigo Octavio, Pai, homem excelente, jurista de alto valor, e outros. Por intermedio de João do Rio, a todos conheci. Só não conheci de inicio Epitacio Pessoa. Um dia, porem, Paulo Barreto disse-me: -vou-te levar hoje a recepção que o ministro do Brasil oferece à missão Militar Francesa e vais aproveitar a oportunidade para insinuar a Epitacio Pessoa que, no seu regresso à patria, visite oficialmente Portugal. "Ele está pouco disposto a fazê-lo, porque receia ou supõe - acentuou João do Rio - que a desordem lavre ali. No momento em que o "S. Paulo" (courageado), que o trazia, passou em Lisboa, rebentavam as granadas e os

tiros deflagravam a cada momento. Fôra nos
momentos da luta em Monsanto. É necessário
convence-lo a ir a Portugal, para dessa
maneira dar ao mundo a certeza da fraterni-
dade luso-brasileira. Mal nos iria se o "S. Paulo"
não tocasse em Lisboa". Vê se convences o Epita-
cio." Fiquei entusiasmado com a ideia. Peor
ou melhor, depois de ter ouvido ao general
Gamelin, chefe da missão francesa, varios e aliás
justos louvores à participação portuguesa
na guerra, (o que me dispoz mto. bem), avistei
Epitacio Pessoa, a quem me apresentou Rodrigo
Octavio. E, sem mais demora, apresentei-lhe
o alvitre de Paulo Barreto, como se fosse
meu, evidentemente, acentuando bem
que a presença do Presidente Eleito do Brasil
(Epitacio tinha sido eleito para o alto
cargo enquanto estava em Paris) seria uma
honra para os portugueses, e representaria
apenas um atrazo mto. ligeiro no regresso

[p. 4]

tiros deflagravam a cada momento. Fôra nos momentos de luta em Monsan-
 to. É necessário convence-lo a ir a Portugal, para dessa maneira dar ao
 mundo a certeza da fraternidade luso-brasileira. Mal nos iria se o "S. Paulo"
 não tocasse em Lisboa". Vê se convences o Epitacio." Fiquei entusiasmado
 com a ideia. Peor ou melhor, depois de ter ouvido ao general Gamelin, chefe
 da missão francesa, varios e aliás justos louvores à participação portuguesa
 na guerra, (o que me dispoz mto. bem), avistei Epitacio Pessoa, a quem me
 apresentou Rodrigo Octavio. E, sem mais demora, apresentei-lhe o alvitre
 de Paulo Barreto, como se fosse meu, evidentemente, acentuando bem que
 a presença do Presidente Eleito do Brasil (Epitacio tinha sido eleito para o
 alto cargo enquanto estava em Paris) seria uma honra para os portugueses,
 e representaria apenas um atrazo mto. ligeiro no regresso

a terra notab. Ao mesmo tempo garanti que
 o sossego mais absoluto se estabeleceria na minha
 terra. Garantia que não hesitava em dar,
 ainda que, de mim para mim, não estivesse
 muito seguro de poder fazê-lo. Mas, claro
 está, ela tinha de ser dada, para decidir
 Epitacio. Falava (declarei) não oficialmente.
 Faltava-me autoridade para tanto. Sa-
 bia - insisti - que nenhum português,
 fosse ~~de~~ que partido, facção ou seita pertencesse,
 ardentemente ambicionava vê-lo e
 festejá-lo, rendendo-lhe as homenagens
 devidas. Epitacio olhou-me duvidoso, não
 respondeu ^{que} sim nem que não, mas vi desde
 logo (modestia à parte) que o impressionara.
 Saí da Legação muito contente, e João do
 Rio abraçou-me e aconselhou-me a que,
 na manhã seguinte, contasse o que su-
 cedera à nossa própria Delegação à
 Conferência da Paz (Afonso Costa, Augusto
 Soares, Norton de Matos, Teixeira Gomes, ~~e~~
 João Chagas, e entre os seus principais

[p. 5]

à sua terra natal. Ao mesmo tempo, garanti que o sossego mais absoluto se
 estabeleceria na minha terra. Garantia que não hesitava em dar, ainda que,
 de mim para mim, não estivesse muito seguro de poder fazê-lo. Mas, claro
 está, ela tinha de ser dada, para decidir Epitacio. Falava (declarei) não oficial-
 mente. Faltava-me autoridade para tanto. Sabia - insisti - que nenhum por-
 tuguês, fosse a que partido, facção ou seita pertencesse, ardentemente am-
 bicionara vê-lo e festejá-lo, rendendo-lhe as homenagens devidas. Epitacio
 olhou-me duvidoso, não respondeu que sim nem que não, mas vi desde
 logo (modestia à parte) que o impressionara. Saí da Legação muito contente,
 e João do Rio abraçou-me e aconselhou-me a que, na manhã seguinte, con-
 tasse o que sucedera à nossa própria Delegação à Conferência da Paz (Afon-
 so Costa, Augusto Soares, Norton de Matos, Teixeira Gomes, João Chagas,
 de entre os seus principais

colaboradores, os meus amigos João Bianchi e Tomaz Fernandes), Acolhido afectuosamente, e depois de Norton de Matos, em frente dum grande mapa ~~em~~ qual Angola defrontava o Brasil, ~~recordar~~ ^(o Brasil) recordar as antigas relações da antiga colónia com a Africa Ocidental, resolveram os meus interlocutores ~~o~~ oferecer um banquete a Epitacio e combinar tudo para um convite oficial ao estadista brasileiro. Retirei-me ainda mais contente de ^{da legação do Brasil,} que, no dia anterior, e festejei com Paulo Barreto o bom caminho que seguia o seu projecto. ~~De~~ Mais um ^{menos} uma semana mais tarde voltei para Portugal. O dinheiro esgotara-se... Antes da partida, fui-me despedir-me da Delegação Portuguesa, e Augusto Soares encarregou-me de comunicar ao Xavier da Silva (advogado), então Mtro. dos Negocios Estrangeiros, e ao então Presidente português, Almirante Canto e Castro) [sic], que era necessario formular

[p. 6]

colaboradores, os meus amigos João Bianchi e Tomaz Fernandes). Acolhido afectuosamente, e depois de Norton de Matos, em frente dum grande mapa no qual Angola defrontava o Brasil, recordar as antigas relações da antiga colónia (o Brasil) com a Africa Ocidental, resolveram os meus interlocutores oferecer um banquete a Epitacio e combinar tudo para um convite oficial ao estadista brasileiro. Retirei-me ainda mais contente de que da legação do Brasil, no dia anterior, e festejei com Paulo Barreto o bom caminho que seguia o projecto. Mais um [sic] menos uma semana mais tarde voltei para Portugal. O dinheiro esgotara-se... Antes da partida, fui-me despedir-me [sic] da Delegação Portuguesa, e Augusto Soares encarregou-me de comunicar ao Xavier da Silva (advogado), então Mtro. dos Negocios Estrangeiros, e ao então Presidente português, Almirante Canto e Castro) [sic], que era necessario formular

e enviar o convite ao Epitácio, imediatamente. Em Lisboa, Xavier da Silva ficou atrapalhado, nunca percebi porquê, inventando dificuldades, que não existia. Canto e Castro, esse, foi de compreensiva aceitação e de acolhimento encantador. Na audiência que me concedeu, e embora nunca me tivesse visto nem conhecido, falou-me sem o menor cerimonial, e assegurou-me que o convite não demoraria a ser transmitido, o que, na realidade, sucedeu. Entrementes,

João do Rio instalava-se em Lisboa, no Avenida Palace, e pronunciava uma admirável conferência, anunciadora de mais íntimo acordo luso-brasileiro, no Teatro Nacional Almeida Garrett (agora chamado "D. Maria II^a", em obediência aos preconceitos anacronicos da actual situação) (fotografia no palco, em que aparecem Schwalbach, Julio Dantas, o ~~acompanhador~~ fiel de

[p. 7]

e enviar o convite ao Epitácio, imediatamente. Em Lisboa, Xavier da Silva ficou atrapalhado, nunca percebi porquê, inventando dificuldades, que não existia [sic]. Canto e Castro, esse, foi de compreensiva aceitação e de acolhimento encantador. Na audiência que me concedeu, e embora nunca me tivesse visto nem conhecido, falou-me sem o menor cerimonial, e assegurou-me que o convite não demoraria a ser transmitido, o que, na realidade, sucedeu. Entrementes, João do Rio instalava-se em Lisboa, no Avenida Palace, e pronunciava uma admirável conferência, anunciadora de mais íntimo acordo luso-brasileiro, no Teatro Nacional Almeida Garrett (agora chamado "D. Maria II^a", em obediência aos preconceitos anacronicos da actual situação) (fotografia no palco, em que aparecem Schwalbach, Julio Dantas, o acompanhador fiel de

todos os triunfos; João do Rio, e quem escreve esta pagina de memórias.) E aqui está a historia exactissima do que ficaram devendo a João do Rio os ~~os~~ felizes aproveitadores ~~da ideia~~ da idea, ou projecto, ou aspiração ~~da ideia e nome~~ que hoje apelidam de Comunidade luso-brasileira. Magnifica e justa designação, sem duvida, mas invenção que não lhes pertence, a não ser no nome. O seu a seu dono.

Registarei ainda um saboroso episodio, que na epoca teve o seu significado. Ei-lo: - indo eu à Legação Portuguesa em Paris, na vespera da minha partida para Lisboa, encontrei lá o simpatico Arenas de Lima, diplomata de limitados recursos, mas mto. bem educado. ^(o mal o menos) Por qualquer motivo, revelei ali que o Presidente Epitacio visitaria oficialmente Portugal, Arenas de Lima, ou por ser monarchico ou por ser parvo, contestou: "- engana-se VExcia, o Epitacio

todos os triunfos; João do Rio, e quem escreve esta pagina de memórias.) E aqui está a historia exactissima do que ficaram devendo a João do Rio os felizes aproveitadores da idea, ou projecto, ou aspiração que hoje apelidam de Comunidade luso-brasileira. Magnifica e justa designação, sem duvida, mas invenção que não lhes pertence, a não ser no nome. O seu a seu dono.

Registarei ainda um saboroso episodio, que na epoca teve o seu significado. Ei-lo: - indo eu à Legação Portuguesa em Paris, na vespera da minha partida para Lisboa, encontrei lá o simpatico Arenas de Lima, diplomata de limitados recursos, mas mto. bem educado. Do mal o menos. Por qualquer motivo, revelei ali que o Presidente Epitacio visitaria oficialmente Portugal, Arenas de Lima, ou por ser monarchico ou por ser parvo, contestou: "- engana-se VExcia, o Epitacio

não irá agora a Lisboa. Sei-o de ciencia
certa. Resposta minha: - pois eu sei de ciencia
certa que irá. Arenas, imponente, medindo
 de alto a baixo a minha insignifi-
 cancia de não diplomata, persiste na
 sua opinião. Desenvolve-me já não sei
 que tolos argumentos, em que transluzia
 ignorar se a sua falta de amor pela Repu-
 blica, se a sua indignação perante um
quidam pretencioso, que se atrevia a pizar
 os seus dominios. Então, enchi-me de ~~arrogancia~~
 arrogancia, tão pouco do meu feito,
 e desfechei-lhe: - O Epitacio vai
 com certeza a Lisboa, e oficialmente.
 "Porquê e para quê?" replica o sujeito
 "Porque eu quero". E voltei-lhe as costas.
 O pobre do Arenas ficou remoendo
 quaisquer palavras, que não ouvi. E, ao
 despedir-me dele, tentando ser ironico,

[p. 9]

nao [sic] irá agora a Lisboa. Sei-o de ciencia certa". Resposta minha: - pois
 eu sei de ciencia certa que irá. Arenas, imponente, medindo de alto a baixo
 a minha insignificancia de não diplomata, persiste na sua opinião. Desen-
 volve-me já não sei que tolos argumentos, em que transluzia ignoro se a sua
 falta de amor pela Republica, se a sua indignação perante um quidam pre-
 tentioso, que se atrevia a pizar os seus dominios. Então, enchi-me de arro-
 gancia, tão pouco do meu feito, e desfechei-lhe: - O Epitacio vai com
 certeza a Lisboa, e oficialmente. "Porquê e para quê?" replica o sujeito.
 "Porque eu quero". E voltei-lhe as costas. O pobre do Arenas ficou remoen-
 do quaisquer palavras, que não ouvi. E, ao despedir-me dele, tentando ser
 ironico,

Vai comentando: "Se VExcia quer, o caso é outro".

~~Assim~~ Relembro o curto episódio ^{apenas} ~~para~~ porque me persuado que mtos. Arenas de Lima pensariam o mesmo, e se ririam de mim, mudando, porem, de atitude assim que o ambiente mudasse. Pois não atacava J. Dtos a nossa emigração para o Brasil quando eu já me batia pela aproximação - na esteira de João do Rio -, não compreendendo que o elemento português ~~na~~, não só indispensavel a manter ali a nossa influencia, como o proprio vitalismo do proprio Brasil? Qto. custa, em face deste e outros distates, não desesperar de Portugal e do povo português? O que me vale é eu não me consentir nem pessimismos, nem optimismos, nem (claro está) optimismos excessivos... Mas - que tristeza, afinal... P.S. (Volta)

[p. 10]

vai comentando: "Se VExcia quer, o caso é outro".

Relembro o curto episodio apenas porque me persuado que mtos. Arenas de Lima pensariam o mesmo, e se ririam de mim, mudando, porem, de atitude assim que o ambiente mudasse. Pois não atacava J. Dtos a nossa emigração para o Brasil quando eu já me batia pela aproximação - na esteira de João do Rio -, não compreendendo que o elemento português é não só indispensavel a manter ali a nossa influencia, como o proprio vitalismo [?] do proprio Brasil? Qto. custa, em face deste e outros distates, não desesperar de Portugal e do povo português? O que me vale é eu não me consentir nem pessimismos, nem cepticismos, nem (claro está) optimismos excessivos... Mas - que tristeza, afinal... P.S. (Volta)

10a

P.S. Isto passou-se em 2 fases. - a 1ª em Fevereiro, a 2ª em Maio, do mesmo ano, 1919. Epitacio Pessoa veio a Portugal ~~no verão~~ (verificar a data). Houve um ^{banquete} ~~banquete~~ no Palacio de Ajuda, ^(?) ~~um almoço~~ ^{of. do go. do governo} ~~no~~ ^{ca ambas festas} no Palacio da Pena. Assistimos ambos, João do Rio e eu. À saída do banquete, o presidente Canto e Castro perguntou-me: - "Está contente?", ~~o que me to me orgulhou e alegrou~~ e alegrou. Depois do almoço no Palacio da Pena, ~~Pessoa~~ ~~foi~~ ~~com~~ ~~João~~ ~~do~~ ~~Rio~~ Epitacio Pessoa acedem a deixar-se fotografar entre J. do R. e eu.

4

[p. 10a]

P.S. Isto passou-se em 2 fases: - a 1ª em Fevereiro, a 2ª em Maio do mesmo ano, 1919. Epitacio Pessoa veio a Portugal no verão (verificar a data). Houve um banquete presidencial no Palacio da Ajuda (?), um almoço of. do pelo governo no Palacio da Pena. Assistimos ambos a ambas festas, João do Rio e eu. À saída do banquete, o presidente Canto e Castro perguntou-me: - "Está contente?", o que mto. me orgulhou e alegrou. Depois do almoço no Palacio da Pena, Epitacio Pessoa acedeu a deixar-se fotografar entre J. do R. e eu.